

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Dorinda de Jesus Oliveira Dias

registada em 2009-02-02
por

Hugo Pereira e Joana Ribeiro

Dorinda de Jesus Oliveira Dias

Nascida e criada na Benfeita, Dorinda de Jesus Oliveira Dias nasceu a 17 de Janeiro de 1925. É a filha mais nova de Artur Nunes Santos Oliveira e Felismina de Jesus de Oliveira. Tinha apenas 4 anos quando o pai foi para Moçambique. O pai era comerciante e a mãe trabalhava na agricultura. Na infância e durante a ausência do pai, ajudava a mãe. “Fazia o que as crianças podiam fazer na fazenda: cultivar o que ela cultivava, coitada. Tínhamos animais. Criávamos um porco, tínhamos cabras, tínhamos galinhas, tínhamos esses animais.” Entrou para a escola aos 7 anos, mas só saiu aos 13 “quando fiz o exame da quarta classe, porque estive dois anos sem professora”. Casou-se com 21 anos e levou “o raminho de laranjeira, que se usava naquele tempo”. Depois de casada foi para Moçambique, esteve lá 17 anos. Voltou de África quando foi da guerra. Quando veio para a Benfeita trabalhava no campo e fazia a vida em casa. Tinha galinhas, tinha uma cabrinha e duas ovelhas. O marido tratava as videiras. Já está na Benfeita há mais de 30 anos.

Índice

Identificação Dorinda de Jesus Oliveira Dias.....	4
Ascendência Artur Oliveira e Felismina de Jesus de Oliveira.....	4
Infância "Havia aqui muitas crianças".....	6
Casa "Nasci na casa do poeta".....	7
Educação "A gente tinha respeito".....	8
Religião "Era a igreja sempre cheia".....	9
Namoro "Escreveu-me uma carta".....	10
Casamento "Íamos puras".....	10
Migração "Quem esteve só na cidade nem sabe o que foi a África".....	11
Costumes "Aqueles tradições antigas".....	13
Lugar "É a minha terra".....	16
Pessoas "O Simões Dias era o poeta".....	18

Identificação *Dorinda de Jesus Oliveira Dias*

O meu nome completo é Dorinda de Jesus Oliveira Dias. Nasci e fui criada na Benfeita até me casar. Estive cá sempre a viver e a trabalhar na agricultura. Nasci a 17 de Janeiro de 1925. Já tenho muitos anos. Fiz agora os 84.

Ascendência *Artur Oliveira e Felismina de Jesus de Oliveira*



Felismina e Artur Oliveira, pais de Dorinda Dias (Benfeita)

Os meus pais eram Artur Nunes Santos Oliveira e Felismina de Jesus de Oliveira. Conheceram-se aqui na Benfeita. Eram de cá. Depois casaram e tiveram três filhos. Eu sou a mais nova. A minha irmã tinha mais cinco anos que eu e

o meu irmão tem mais três. A minha irmã mais velha já faleceu. Estou cá eu e o meu irmão.

O meu pai, primeiro, teve comércio. Depois, pronto, não deu, faliu ou não sei e foi para África. Precisava de ganhar a vida, com certeza. Eu tinha 4 anos. Esteve em Moçambique 14 anos. Foi sozinho governar a vida. Lá, era padeiro, empregado do João Ferreira dos Santos. Ele já tinha sido aqui também. A minha mãe ficou cá com os três filhos. Ela é que nos criou até ele vir. Ele ainda veio cá duas vezes de férias para o pé da minha mãe e dos filhos. Depois voltou. Quando casei, já ele cá estava. Veio outra vez para cá e tornou a pôr o comércio, uma lojinha. Tudo pequenino. Vendia mercearia. Ia comprar a Arganil. Traziam-lhe cá os Morgados de Arganil. Agora, ultimamente, era a Havanesa de Côja que lhe fornecia. Depois, ficou para a minha irmã.

A minha mãe trabalhava na agricultura, coitadinha. Trabalharam sempre. Tinham muitas fazendas, que hoje está tudo silvas. Cultivava o que se cá comia: milho, feijão, batatas... Chamavam naquele tempo - não sei como é que agora lhe chamam - centianinho e trigo para pôr aquela farinha na broa. Centianinho é um produto de cereal, como o trigo e como o centeio, como esses cereais.

O ambiente em casa era bom. Foi sempre bom. Tinha uns pais muito bons. Até eu ir para África. Depois, continuou. Depois de eu estar em África, a minha irmã ficou viúva e ficou com os meus pais.



**Felismina e Artur Oliveira, pais de Dorinda Dias
(bebé mais pequeno), com os filhos e familiares**

Infância "*Havia aqui muitas crianças*"

Enquanto cá estive, ajudava a minha mãe. Fazia o que as crianças podiam fazer na fazenda: cultivar o que ela cultivava, coitada. E quando era pequenita, se calhar, não fazia nada, já não me lembro. Tínhamos animais. Criávamos um porco, tínhamos cabras, tínhamos galinhas, tínhamos esses animais. Eu ia pastar as ovelhas. Ia para o que era meu. Para a fazenda. Era só por aqui no que tinha. Depois casei-me, fui para África, já não ajudei mais.

Havia aqui muitas crianças. Havia casais que tinham aos 11 filhos e dez! Os meus avós, os paternos, tiveram 11 filhos e os maternos seis. Era tudo assim. Não era ou nenhum ou só um ou assim. Em toda a freguesia, havia muita gente. Agora não há ninguém.

"Eu gostava muito de dançar"

As brincadeiras era aos domingos juntarmo-nos sempre a brincar e a dançar. Eu gostava muito de dançar. Todos os domingos havia aquelas brincadeiras. Jogamos à panelinha, à cabra-cega... A cabra-cega é com um lenço a tapar os olhos e depois andemos umas atrás das outras. Com o lenço a tapar os olhos, com os olhos tapados, anda-se à procura desta ou daquela. A panelinha era com uma panela a atirar-se de umas para as outras, assim para trás. Eram estas brincadeiras que a gente tinha nas aldeias. E dançávamos. Jogos de roda... Pronto, o que a gente tinha naquele tempo. Não tínhamos outras coisas.

Brinquedos... Onde é que eu os tinha? A primeira bonequita que eu tive, foi o meu irmão que ma trouxe lá da Escola Agrícola, uma bonequita pequenina. Fazíamos-las de moitas e com trapos. Era assim que fazíamos as nossas bonecas. Era eu que as fazia, quando era mais crescida. A minha mãe não tinha vagar de fazer bonecas, coitadinha. Tomara ela fazer a vida dela. Não é como agora. Agora as crianças têm tudo e mais alguma coisa. A gente não tinha nada.

"Fui iniciadora do Rancho dos Manjericos"

Fui iniciadora do Rancho dos Manjericos, antes de ir para África. Fui ainda das "iniciativas". Era rapariga nova. Tinha 16 anos. Éramos 16 pares. As raparigas que aqui havia e os rapazes! Um senhor que já morreu - Adelino da Fonseca - é que foi o iniciador desse rancho e que ensaiava. Corríamos estas

terras todas a pé. Não havia carros como agora. Íamos actuar, pois! Cantávamos e dançávamos. Parte das coisas também se formaram depois de eu já cá não estar. Eu só foi do início. Já não sei. Já nem me lembro de nenhuma canção. Só sei a do Manjerico, mais nada:

*Ai, que lindo que é o Manjerico
No canteiro da tua janela.
Tem cautela, ó minha menina...*

Já não me lembro, já há tantos anos...

Depois, casei-me, fui-me embora para África, tive de abandonar o Rancho. Se cá estivesse também continuava, certamente.

Casa "Nasci na casa do poeta"

A minha irmã e o meu irmão nasceram numa casinha que era do meu avô. Quando os meus pais se casaram foram para lá viver. Depois, o meu pai comprou aquela casa do poeta Simões Dias, onde hoje é o museu. Nasci na casa do poeta. O andar de cima era a cozinha, a sala e um quarto. O andar de baixo tinha outra sala, uma despensazinha debaixo das escadas e dois quartos. Não tinha casa de banho. Onde é que havia casas de banho? Não havia naquele tempo. Primeiro, não tinham. Eu mais o meu irmão dormíamos no andar de baixo. A minha irmã dormia com a minha mãe no andar de cima. Ainda caí por as escadas abaixo. Vinha a dormir da cozinha, com certeza, e deixei-me cair. Para descer as escadas, em vez de as descer, fui por elas abaixo. Outra vez, foi nas escadas do sótão para a cozinha. Era pequenita.

Depois apareceu uma casa ao lado ali ao pé do Posto Médico. O meu pai vendeu aquela a um tio meu e comprou a outra. Fui para lá com 9 anos e estive até aos 21, até me casar. Era uma casa melhor e maior. Era muito grande. No andar de baixo, tinha a casa de banho, um quarto e uma sala. Depois, no andar de cima tinha quatro quartos, duas salas, a cozinha e outra casita de banho, que o meu pai mandou fazer ao pé da cozinha. Quando se comprou, não tinha casas de banho. O meu pai é que depois as mandou fazer. Como estive aqueles anos todos em África, vinha habituado a tomar banho todos os dias. Primeiro, fez aquela casita de banho no sótão, ao pé da cozinha. Era só a bacia de lavar a cara e a sanita. Nem o bidé lá cabia nem nada. Depois já pôs um chuveiro. Puxávamo-lo com uma roldana. Era assim um balde, um alguidar, uma bacia muita grande, que comprou, tinha um chuveiro e depois a gente puxava com a roldana para

tomar banho. Depois de eu estar em África, fez a outra casinha de banho, onde chamam o andar de baixo. Até mandou dizer para lá:

- "Já temos outra casa de banho para quando vocês cá vierem."

A primeira vez que cá viemos de férias, fomos para casa dos meus pais. Já trouxe a minha filha com 7 anos. Então, quando fez a outra casa de banho, mandou-nos essa notícia:

- "Quando vocês cá vierem, já cá têm uma casinha de banho melhor para tomar banho."

Mas ninguém tinha aí essas coisas. Ninguém. Depois é que começou isto a evoluir e a ser melhor. E hoje é muito bom.

Depois, essa casa ficou para a minha irmã. O meu marido construiu a minha e aquela ficou para a minha irmã. Hoje é do meu sobrinho, do filho dela.



Felismina Oliveira, mãe de Dorinda Dias (Benfeita)

Educação "*A gente tinha respeito*"

No meu tempo, eram duas escolas. Uma masculina e outra feminina. A masculina era onde está a Junta. A das meninas, hoje, é casa de habitação, mas foi onde foi a nossa escola. E todas cheias. Agora é que já não há ninguém. Havia um professor e uma professora todo o ano, porque vinham os da freguesia, das Luadas e aqui havia muita gente.

Tinha 7 anos quando entrei na escola. Naquele tempo, era assim. E só saí aos 13, quando fiz o exame da quarta classe, porque estive dois anos sem professora. Quando fiz a segunda classe, ela foi-se embora. Saiu daqui. Depois,

veio uma professora que era aqui de Arezede, ao pé de Coimbra. Ensinava-nos a fazer malhas, a fazer trabalhinhos bonitos. Ensinava aquelas brincadeiras, que eu já nem me lembro. Na escola, dançávamos e cantávamos. Foi boa professora. Ensinava muito bem. E sabia muito de malhas e de rendas. Quando era preciso, castigava. Mas não dava grandes castigos. Era assim uns castigos pequenos. Ou batia-nos com a régua ou com uma vara ou assim. Era uma vara que ela nos dava na cabeça. Se fosse preciso, mandava-me dar nos outros, mas eu nunca dava. Tinha pena de lhes dar com a régua. Mas, naquele tempo, então não batiam na escola, quando a gente não sabia? Naquele tempo, era assim. Não é como agora. Agora, viram-se os alunos contra os professores. A gente tinha respeito. Não é como agora. Havia respeito por tudo e por todos.

Eu gostava de andar na escola. Gostava de aprender e de brincar. As duas coisas. Gostava de tudo. Só não gostava tanto de ditado. Não sei porquê. Dava erros. Tinha mais dificuldade, certamente. Mas a tabuada sabia muito bem. Eu estudei muito! No meu tempo, a quarta classe era puxada. Tínhamos de saber as províncias, os rios, os pesos e medidas, um bocadinho do corpo humano... Estudávamos de tudo. Aritmética, Geografia, tínhamos os mapas na escola e tínhamos um bocadinho de lição destas coisas todas.

Quando era na quarta classe, o professor combinava mais a professora e juntavam-se os rapazes com as raparigas, porque na quarta classe era mais difícil. Depois, íamos fazer o exame a Arganil. Não se fazia aqui. Eu fiz terceira e quarta. No meu tempo, já houve aquele exame de terceira classe. Até tenho dois diplomas, um da quarta, outro da terceira. E depois quando era nessas alturas, perto dos exames, juntavam. Ele juntava os rapazes, a professora juntava as raparigas e depois em conjunto juntavam-se. Também íamos em conjunto para Arganil fazer o exame. Não havia brincadeiras entre rapazes e raparigas. Só nestas alturas é que se juntavam. De resto, cada um tinha os seus e cada um fazia a sua vida e tratava de seus alunos.

Tirei a quarta classe e já foi muito bom, naquele tempo. A minha irmã também. O meu irmão tirou o curso de Agronomia na Escola Agrícola em Coimbra. Eu e a minha irmã não fomos estudar, porque não quisemos. Eu não quis ir mais. Não tinha ideia. Cada um tem o seu destino. Arrumei logo os livros e a minha irmã também. O meu pai queria-nos pôr a estudar às duas, queria que a gente fôssemos estudar, mas eu não quis ir e a minha irmã também não foi. Foi só o meu irmão.

Religião "*Era a igreja sempre cheia*"

Fui à catequese. Fiz a Comunhão Solene, fui à doutrina e sou católica. Essas coisas para mim é tudo. Ainda antes de eu ir para África, andei a aprender a cantar a missa, com um padre que havia aqui no Pai das Donas, o padre Júlio. Vinha-nos cá ensaiar em casa de duas irmãs solteiras, mas muito religiosas. Andei a aprender a doutrina com elas, mas havia mais aí quem ensinasse também a doutrina.

A missa antigamente era em latim. Agora é em português, que a gente percebe melhor. Para nós é melhor. Ia muita gente. Era a igreja sempre cheia.

O sino era muito importante. Quando vem a missa, toca e chama a gente. É importante. Era através do sino que se sabiam as horas. Agora já tudo tem relógios, mas no tempo que me eu criei, quem é que tinha um relógio? Eu ainda tive um em solteira, mas não havia relógios. Agora têm aos três e aos quatro.

Namoro "*Escreveu-me uma carta*"

O meu marido tinha mais sete anos que eu. Quando ele foi para África, tinha eu 11 anos. Era uma criança. Ele fez 19 em cima do mar. Depois, casei-me com 21, quando ele voltou. Tinha 20, mas fiz 21 em Janeiro. Eu já não me lembrava dele, mas depois ele veio, começámos a namorar. Escreveu-me uma carta e, pronto, começámos a falar e a namorar. Teve de pedir autorização à minha mãe e ao meu pai. O meu pai já estava cá há uns poucos de anos, na altura que me eu casei. Eu até tinha vergonha dele, porque ele era mais velho que eu sete anos.

Casamento "*Íamos puras*"

O casamento foi o normal. O meu marido ia de calça de fantasia e casaco preto. Eu ia com um vestido até aos pés e com um raminho normal. O vestido e os sapatos eram brancos. Tudo branco. E o raminho da laranjeira, que se usava naquele tempo. Significava que a gente íamos puras. Os mais novos já não sabem isso. Infelizmente. Ou felizmente, não sei. Foi aqui na igreja. O copo-d'água também. Foi tudo cá na Benfeita. Tinha muitos convidados, não sei já quantos foram, mas tinha. A família e as pessoas amigas de parte a parte. A festa era os costumes. Era cabrito assado, era o arroz da fressura, era canja, era sopa... Os doces era arroz-doce, leite-creme e tapioca. Era assim estes doces. Lá nos

casámos e fomos felizes, graças a Deus. Muito felizes. Era um marido muito bom, muito bom.



Casamento de Dorinda Dias (Benfeita, 1946)

Migração "*Quem esteve só na cidade nem sabe o que foi a África*"

O meu marido foi para África em solteiro. Depois, veio, casámos e fui para Moçambique. Estive lá 17 anos. O meu pai também esteve lá, o meu marido também e eu também. Tive uma filha na Ilha de Moçambique. A minha filha nasceu lá. Veio com 14 anos, por causa da guerra.

Havia muita gente da Benfeita em Lourenço Marques.

Fiz três viagens. Viéramos cá duas vezes de férias. Fiz três viagens de barco, porque naquele tempo não havia viagens de avião. Havia, mas eram muito caras e a gente ia de barco e vinha. A primeira vez que fui, fui no barco Mouzinho. Fui com o meu marido. A viagem era boa. Não fazíamos nada! Era boa. Chegámos a

Moçâmedes, foi bater numa rocha. Havia muito nevoeiro, foi bater numa rocha. Estive em Cape Town uma semana até que soldassem aqueles furos do barco. Depois venderam-no para o Brasil, nunca mais viajou o barco Mouzinho. Era um barco velho já, antigo. E foi assim. Demorámos 49 dias. Parávamos em todos os portos. A primeira vez que fui ainda nem havia cais em Luanda, nem na ilha da Madeira. As outras, viajei no barco Moçambique e no Angola, mas isso demoravam menos tempo. Era aí uns 27 dias ou assim. Mas aquele como teve aquele azar, demorámos mais tempo.

Lá, era diferente, mas não foi difícil adaptar-me. E o mais estive sempre nos matos, nas plantações. Havia lá muita gente boa nas plantações. Muita gente, muitos trabalhadores. Havia os empregados de campo, havia os empregados das fábricas e era assim. A minha prima, a do Areal, que é minha comadre, esteve muitos anos em Lourenço Marques, mas quem esteve só na cidade de Lourenço Marques nem sabe o que foi a África.



Celebração das bodas de ouro do primo José Bernardo Quaresma (Dorinda 1ª esq. p/ dta.)

O meu marido trabalhou com algodão, com fábricas de arroz e agora a última foi fábrica de sisal. Estivemos em duas plantações e ele era o mecânico que dirigia as fábricas e as tratava. Ele é que mandava e orientava a fábrica e quando havia avarias, punha a trabalhar. Muita vez, faz de conta que era o médico. Vinham-no chamar de noite quando havia uma avaria na fábrica. Eu estava em casa. Fazia costura e a minha vida de casa.

Voltei de África para cá quando foi da guerra. A gente não podia lá estar. Ainda vivi oito anos em Coimbra, quando a minha filha esteve a estudar. Ela tirou o curso e viéramos para aqui, para a Benfeita, eu e o meu marido. Vim para aqui. Eu trabalhava no campo e fazia a minha vida em casa. Cheguei a ter e hoje ainda tenho galinhas. Só tenho quatro, mas ainda as tenho. Tinha galinhas, tinha uma cabrinha e duas ovelhas. O meu marido também. Tratava as videiras, podava, só para nós. Íamos ajudar às pessoas de família e amigos. Eles também vinham a nós. E era assim. Depois, o meu marido faleceu e eu cá continuo. Já cá estou há uns 30 e tal anos. Fiz assim esta vida. Agora é que já não posso fazer nada. Já tenho muita idade. Ainda gosto de fazer, ainda vou fazendo, mas já não é o que era.

Costumes "*Aquelas tradições antigas*"

"Matava-se o porco como é o costume"

A minha mãe criava porcos. Criava, em casa, sempre um porco. No tempo que o meu pai cá esteve e que eu também estava em casa, eram dois e três. No dia da matança, chamava-se as pessoas amigas e de família para o ajudar a segurar. Matava-se o porco como é o costume: em cima dum banco. Aquelas tradições antigas. Depois, chamuscava-se com carquejas. Pendurava-se, abria-se e escolhiam-se as carnes. Os presuntos e as mãos salgavam-se. Depois fazia-se as chouriças e a minha mãe punha-as em azeite. Tinha uma tia que sabia... As minhas tias, irmãs da minha mãe, sabiam muito bem. Vinham ajudar. E nós também íamos ajudar a elas. Era assim.

"Eram detrás da orelha"

Também fazia queijo. A minha mãe tinha umas mãos para fazer queijo que era uma maravilha. Até eu cheguei a fazer queijo. Punha-se o leite a coalhar com um bocadinho de cardo dentro numa panela vidrada. Coalhava-se. Depois punha-se um prato por cima da panela, quando a gente estava a fazer o queijo, e tirávamos à mão cheia para o acincho, que era uma formazinha. Depois calcávamos para sair o soro, o leite. Calcava-se e punha-se a secar num armariozinho com uma rede assim por fora e em cima dum tábuas. Dava muito trabalho. Aqueles panos, a gente tinha de os lavar, de vez em quando, limpar e assim. Dava muito trabalho o queijo. Mas era bom. Valia a pena o trabalho.

Com o soro, quem queria comer ou ferver com farinha podia fazer isso. Eu fazia requeijão. Punha o leite que saía do queijo a ferver e punha-lhe um bocadinho de leite do bom, sem ser do queijo. Depois, aquilo atrapalhava, a gente tirava para uma formazinha e fazia-se o requeijão. Não se punha a secar. Tinha-se de fazer e comer. Eram detrás da orelha. E o queijo também.

Arroz de fressura e tapioca

O arroz de fressura é como o arroz de cabidela. É os miúdos dos cabritos, o fígado, o bofe, aquelas coisas e o sangue. O arroz de cabidela é o sangue quando sai do animal. E o da fressura, o sangue tem de ser cozido, primeiro. Depois, esfarela-se, quando já está pronto. Esfarela-se o sangue e é o arroz da fressura.

A tapioca é assim uns grãozinhos. É como o arroz, o que é, é outra coisa. É tapioca. Põe-se de molho dum dia para o outro. Eu costume pôr dum dia para o outro. Ao outro dia, ferve-se com leite, como quem faz arroz-doce. Faz-se mesmo como o arroz-doce. Ferve-se com o leite, casca de limão e açúcar ao gosto. Eu, o açúcar, ponho ao gosto.

As festas

A festa anual é o dia 15 de Agosto, em honra de Nossa Senhora da Assunção. A do Santíssimo é o dia 10 de Junho. Até foi o dia que faleceu a minha irmã. Depois, temos a de Setembro, da Senhora das Necessidades. Quando eu era criança, havia mais gente. Mas agora ainda continuam. Fazia-se festa. Fazíamos arroz-doce, cabrito assado, cozido à portuguesa, coscoréis e pronto, era assim. Havia missa e procissão. Havia os andores, as pessoas, a Irmandade e os andores da igreja. A padroeira na nossa igreja é Santa Cecília. Temos o Senhor dos Passos, Santa Rita, lá para cima ao pé da Torre, aqui temos Nossa Senhora de Fátima, Mártir São Sebastião, Sagrado Coração de Jesus e São José. E deitavam foguetes. Era sempre uma alvorada de manhã. E era assim. Agora, por causa dos fogos, já nem deitam foguetes. Não deixam deitar e acho bem, por causa dos fogos.

"Vem a visita pascal a nossas casas"

Todos os anos na Páscoa, vem a visita pascal a nossas casas. Vem a Cruz para a gente beijar, vêm os elementos da igreja com a cruz e as outras pessoas. É a visita pascal. No meu tempo de criança, também era assim. Punha-se uma

mesa, havia umas toalhas próprias, faz de conta que estávamos a fazer um altar. Punha-se um pratinho, uma laranja e o dinheiro que a gente quisesse dar ao lado da laranja. Era assim. Agora, já não usam isso. Agora, eu ponho sempre num envelope o que quero dar.

"Para não vir a fome para casa"

O dia 1 de Maio é o Dia das Cobras. Não se pode trazer nada para casa. Põe-se a flor da giesteira em todas as janelas que é para não vir a fome para casa. A minha mãe contava - isto contado por ela - que o meu avô tinha umas fazendas lá para - chamavam-lhe - a Corujeira. E a minha mãe diz que vinha de lá de pôr o comer aos animais, de tratar lá os animais do meu avô e trazia, esse dia, um pau de lenha à cabeça. No caminho, saltou-lhe uma cobra do pau para fora. Ela nunca mais quis nada em casa nesse dia. Nunca mais! E contava-nos isto.

"Ficávamos compadres para sempre"

O Dia dos Compadres é a quinta-feira antes do Carnaval. Fazíamos um baile. Depois punha-se os rapazes e as raparigas que havia como quem está a tirar um sorteio. E é um sorteio. Punha-se o nome dum rapaz numa saca e da rapariga noutra. Depois tirava-se o nome do rapaz e o nome da rapariga e os que calhavam os dois um com outro é que eram os compadres. Depois íamos dançar. Quando saísse a primeira valsa, ia-se dançar um com o outro. Ficávamos compadres para todo o ano e para sempre. Aqui no Centro já houve anos que fizeram isso. Ainda tenho dois compadres que saíram lá no Centro. Mas não dancei. Desde que o meu marido faleceu nunca mais dancei.

"Uns homens que se transformavam em bois"

Antigamente, falavam que aparecia os lobisomens. Vinham lá do lado das Penedas Altas por ali abaixo a descer ao Outeiro. No meu tempo, falavam muito dos lobisomens. Diz que eram umas pessoas, uns homens que depois se transformavam em bois. Não sei se era assim, se não. Era o que se falava naquele tempo. São lendas.

"Vinha-se aqui esconder"

Do João Brandão, falavam que passou por aqui, porque andava fugido e depois vinha-se aqui esconder. Agora, não sei. Isso não é do meu tempo. Ainda eu era pequenita. Ainda nem seria nascida. O que eu ouvi, também, era isso.

Lugar "*É a minha terra*"

Os Balseiros

Os habitantes daqui chamam-se "Balseiros". Isso é os nomes. A Benfeitá é os "Balseiros", os de Côja são os "Bezerros", os da Cerdeira são os "Lambazes", os de Arganil são os "Pintassilgos"... É assim. E para cima mais nomes há, mas eu já não sei. Sei que há esses apelidos, mas não sei donde eles vêm.

Água e luz em casa

Íamos à fonte buscar água à cabeça num cântaro. Não havia água em casa. Para lavar a roupa, íamos à ribeira. Não havia máquinas. Íamos à ribeira com a roupa lavar e corar, pôr ao sol. Usávamos sabão, sabão azul, sabão cor-de-rosa, era o que havia. Depois começaram a pôr as águas. Cada um fazia a sua casa e quem queria e podia mandou pôr a água em casa.

Também não tínhamos luz. Primeiro, quando eu era nova, antes de ir para África, não. Tínhamos uns candeeiros a petróleo. Fiz o meu enxoval à luz daqueles candeeiros. Para nos aquecermos, tínhamos as lareiras. Em casa dos meus pais houve sempre um fogão de lenha, mas também tínhamos lareira. Acendíamos o lume na lareira, no chão. O que não faltava aí era lenha. Há para aí muitos pinheiros. O meu pai mandava pôr a lenha em casa. A luz já foi posta depois de eu estar em África. Eu não estava cá quando se pôs a luz.

"A gente não podia comprar o que queria"

No meu tempo, havia pouco açúcar. Quando foi o meu casamento, o que valeu foi o meu marido trazer de África arroz e açúcar. Graças a Deus não faltou que ele também trouxe. Foi no tempo da guerra. Havia cá muita falta. Era racionamento de pão, de açúcar e de tudo. A gente não podia comprar o que queria. Era racionado. Era só aquele bocadinho para cada um. Mas tínhamos

broa. A minha mãe todas as semanas cozia oito e nove broas. Peneirava a farinha. Farinha de milho e farinha de trigo. Depois, punha a levedar e ia cozer no forno. Tínhamos sempre tudo com fartura. Curtia-se azeitonas para se comer todo o ano, fazia-se vinho para todo o ano... Tudo bom. Melhor que agora. Tudo são. Agora é tudo só à base de produtos mas, naquele tempo, não.

"Auscultava a gente com uma toalha turca "

Antigamente, vinha o médico de Côja a cavalo. Ia para a serra. Não havia carro. Auscultava a gente com uma toalha turca nas nossas costas. Não havia auscultadores como há agora. Se a gente precisava de ser auscultada nas costas ou assim, punha uma toalha turca e com o ouvido dele é que vinha auscultar. Naquele tempo, era assim.

Cá, havia dois senhores barbeiros. Um era José Augusto e o outro era José Maria. O Zé Maria até era meu vizinho e esse José Augusto teve a barbearia onde o meu pai pôs o comerciozito. Não eram médicos. Foram enfermeiros na tropa e trouxeram aqueles conhecimentozitos. Este Zé Maria era muito entendido. Era sim, senhor. Dava um bom enfermeiro se tivesse seguido a carreira. E o outro também. Mas este Zé Maria era muito porco. O outro, o José Augusto, era uma pessoa asseada. Os dois eram bons. Eram boas pessoas.

"Anunciar o fim da Guerra Mundial"

A Torre da Paz é em cima, onde está Santa Rita e o Senhor dos Passos. Essa é que é a Torre da Paz. Dá 1600 badaladas no dia que acabou a guerra. Fizeram assim o sino, não sei. É para comemorar com certeza esse dia. Continua a ser a Torre da Paz por causa disso, porque está a anunciar o fim da Guerra Mundial.

"As compras, carregávamos com elas"

Costuma haver feira aqui. Costumam ir a Arganil e a Côja. A Côja, agora, é só uma vez por mês, mas a Arganil todas as semanas há gente que vai. Quando era criança, havia todos os meses. Fui muitas vezes à feira do Mont'Alto e aqui a Côja ao mercado. Já não me lembro o que trazia de lá. Sardinha e as compras que a minha mãe me mandava fazer. Ia a pé. Não havia carros como agora há. Fui lá muita vez a pé. Íamos de noite para lá chegar de manhã. Depois, as compras, com certeza que carregávamos com elas.

A Benfeita significa muito para mim, porque é a minha terra e gosto muito de cá estar e de trabalhar. O que é, já não posso, já não tenho idade para trabalhar muito, mas sempre gostei muito de trabalhar. Não me via a viver noutra sítio. Agora gosto de estar aqui.

Pessoas "*O Simões Dias era o poeta*"

O Simões Dias era o poeta, dono da casa onde nasci e nascido lá também, mas ele não me deixou os livros... Quando inauguraram o museu e lhe puseram lá a placa, eu não estava cá. Já não assisti a esses versos nem a nada disso. Se cá estivesse também havia de saber e colaborar. Mas assim não sei nada.